

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

***A História da Escola de Enfermagem Carlos Cha-
gas***

EFIGÊNIA MARIA RAVNJAK

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

EFIGÊNIA MARIA RAVNJAK

Nasceu em Oliveira, Minas Gerais, em 03 de fevereiro de 1937, sendo a mais nova dos cinco irmãos. Enfrentando preconceitos, ingressou na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, EECC, em 1955, saindo da tutela familiar passando a vivenciar o cotidiano da vida no internato da Serra, da Cruz Vermelha e da Getúlio Vargas. Relata a afetuosidade da irmã Fiúza, diretora da EECC, chamada carinhosamente de “ma souer”.

Relata como era linda cerimônia da imposição das insígnias e como se sentiam preparadas para ser enfermeiras como preconizado pelo Triângulo de Stuart”: ideal, ciência e arte. Relembra as festas juninas e outras festividades promovidas pela EECC e pelos DAs.

Fez estágios no Hospital São Vicente, atual Hospital das Clínicas da UFMG, na clínica dermatológica da Santa Casa de Misericórdia, no Hospital de psiquiatria Infantil, e no Dispensário Modelo.

A formatura, em 1958 foi realizada no Conservatório Mineiro de Música.

Fez curso de especialização em administração hospitalar e psicologia aplicada.

Trabalhou no SESI [Serviço Social da Indústria]. Em uma escola de enfermagem, no Rio de Janeiro acompanhando estágios. Retornando a Belo Horizonte, trabalhou no Pronto Socorro Infantil, época que a assistência nesse hospital era prestada só por enfermeira. Os 27 anos seguintes atuou no Hospital Júlia Kubitschek, da sua organização inicial, à chefia do Serviço de Enfermagem, na década de 1970. Pouco antes de se aposentar, pediu transferência para o PAM [Posto de Atendimento Médico] da Sagrada Família, localizado próximo à sua casa, para cuidar melhor de seus filhos. Lá, realizou seu grande sonho de trabalhar diretamente na assistência de pessoas carentes, na sala de curativos.

Em toda sua vida profissional, buscou sempre colocar o paciente em primeiro lugar.

Após a aposentadoria atuou em uma creche, da sociedade São Vicente.

Efigênia termina relatando sua grande emoção ao retornar à “Casa Amarela da Serra” ao participar da Mostra Comemorativa do aniversário da EEUFMG, em 1998 e “encontrar a fachada da casa exatamente igual à [da época] que vivi”.

SUMÁRIO

FITA 1, LADO A

Sua origem e infância; o enfrentamento de preconceito em relação à enfermagem; o rigor do internato; a motivação para fazer enfermagem; o preliminar e o significado da braceira; o ensino; a permanência no hospital onde seus pais trabalharam; a escolha pela EECC; a rigorosidade da ecônoma; o uso da piscina na Casa Amarela da Serra; a relação da irmã Fiúza com as alunas; os uniformes usados nos estágios; o cotidiano no internato; as relações com as irmãs e com as monitoras; a estrutura física e os moradores o internato; a aluna que foi transferida para outra escola; o estranhamento das atitudes de uma colega; a punição que recebeu por causa de um namorado; a religiosidade no internato; os uniformes usados; a cerimônia das insígnias; o triângulo “Arte, Ciência e Ideal” como símbolos da enfermagem; o ensino teórico e a relação com a prática; os locais de estágio; o Dispensário Modelo e as visitas domiciliares.

FITA 1, LADO B

A relação das alunas com as enfermeiras nos campos de estágio; a utilização das alunas como mão de obra no Hospital São Vicente; um paciente especial; a procissão de Corpus Christi; as comemorações da semana da enfermagem; as festas juninas; o DA da medicina e a hora dançante; o DA da enfermagem; as mudanças no cotidiano em função da mudança para o internato na Cruz Vermelha; as acomodações na nova casa; a “coramina” e o acidente com a irmã Fiúza; o autoritarismo da irmã Clarízia; a retirada das alunas do internato; o internato da avenida Getúlio Vargas; as férias; as dependências do internato da Cruz Vermelha; quem morava no internato; o cotidiano no internato; a formatura no Conservatório Mineiro de Música e os professores homenageados; a greve de 1/3 e a participação da enfermagem; a segurança em iniciar a atividade profissional; o trabalho no SESI; o trabalho como monitora em uma escola de enfermagem, no Rio de Janeiro; a fama das egressas da EECC; a diferença do internato da escola do Rio de Janeiro e da EECC; a volta para Belo Horizonte; o trabalho no Pronto Socorro Infantil; o início do trabalho no Hospital Júlia Kubitschek (HJK); a experiência em saúde pública; a satisfação do trabalho no Sanatório Eduardo de Menezes; os 27 anos de trabalho no HJK; o pedido de transferência para o Posto de Atendimento Médico (PAM) Sagrada Família e a realização de um grande sonho.

FITA 2, LADO A

A experiência na sala de curativos do PAM; porque saiu do HJK; a aposentadoria; a atividade na Conferência de São Vicente; o curso de especialização em Administração Hospitalar; como vê o sistema de saúde atual e as políticas de saúde pública; o início do trabalho no HJK, a impersonalidade e a fragmentação no atendimento à saúde; a emoção ao retornar à “Casa Amarela da Serra”, em 1998; despedida.

[LADO B NÃO FOI GRAVADO]

FITA 1 - LADO A

Valda.: Bem Efigênia, a gente quer saber de você, ouvir de você a sua história enquanto, é, aluna.

[INTERRUPÇÃO DA FITA PARA ARRUMAR O GRAVADOR]

V.: A gente queria que você, que você pudesse começar como é, como é que era a sua vida antes de, de ir pra Escola, né, a sua infância, o que foi importante que você se lembra.

Efigênia: Bom, infan ..., infância comum da época de menina de interior. Quer dizer, cheia de família preconceituosa, essas coisas que usavam muito antigamente, né. De forma que no momento que eu vim, eu vim de Sete Lagoas para estudar enfermagem, e nessa época, foi em 55, existia os vestibulares, eram separados, cada escola tinha o seu vestibular, né, Enfermagem o dela, Medicina o dela, e Odontologia o, então era assim, não era unificado igual é agora. Então eu fiz esse vestibular lá na Escola de Enfermagem e felizmente passei, o que me deu muita alegria, porque de, de, de uma hora para outra eu me senti dona da minha vida, então eu pa, parei de ter aquela tutela familiar em cima de mim para poder começar a gerir a minha, a minha própria vida, meus próprios desejos, né? Só que a tutela da Escola também era rigorosa.

V.: Hum, conta para gente como é que era vida na Escola.

E.: E, e era um, um negócio assim meio difícil porque se você for comparar do, do que era antigamente com o que é hoje, é um absurdo. Mas, era aquela história das saídas, né. Então a gente tinha quatro saídas por mês até dez horas da noite, não podia atrasar não, se atrasasse um minuto perdia a outra saída. Se você, por exemplo, ousasse atrasar dez minutos, chegar dez e dez, você perdia as 3 saídas restantes. Se, se, se fosse de outro, se fosse assim na última saída do mês, você perderia as próximas do mês seguinte. Viu como é que era o negócio?

V.: Era muito rigoroso.

E.: Então, quer dizer, agente ia ao [cine] Acaiaca. Depois que nós saímos da Serra, lá da casa da Serra, nós fomos morar no Hospital da Cruz Vermelha, atrás do Parque Municipal. A Escola alugou o 1º e 2º andar para fazer o Internato da Escola. E, e a gente então saía de casa, por exemplo, domingo ou sábado para ir ao Acaiaca, que era o cinema mais próximo, e quando terminava o filme ou antes de terminar, você tinha que voltar correndo, porque na porta da Escola tinha uma freira te esperando [risos] e para marcar qual o horário que você estava chegando. Então era um trem assim meio, meio duro, parecendo assim coisa meio de quartel, mas dava pra gente ficar bem enquadrada lá dentro e bem feliz, porque a motivação

que existia de você estar fazendo um, uma, um estudo que você escolheu, que você está mexendo com pessoas, mexendo com gente, na, na, na fase mais difícil da pessoa que é a fase que eu acho que é a fase que ela está doente, é a fase mais carente. Eu sou, eu sou uma pessoa assim simplesmente apaixonada pelo doente. Não é novidade para você, né?

V.: Não [risos].

E.: Eu sou, eu sou apaixonada pelo doente, doente para mim e assim, está em 1º lugar em tudo, sabe? Então você estudar uma, um, um, ter um estudo que vai te propiciar a cuidar bem daquele ser, é bom demais, era bom demais.

V.: Hum-hum.

E.: Então cada matéria que entrava, sabe, depois do preliminar, que o quê que era o preliminar, ele era 6 meses antes, é, no início do curso tinham 6 meses de preparação, para ver se você queria mesmo estudar enfermagem, então depois que você é, é, é, ficava os 6 meses na Escola, aí você recebia um distintivo, que, que te promovia para o 1º ano da Escola de Enfermagem, que era a braceira, que você colocava no uniforme, assim dobra ..., era manga dobradinha (mostrando com a mão), então aparecia o desenho da braceira, que era uma coisa super importante, então a menina que conseguia receber aquela braceira, ela estava ditosa demais da vida, estava feliz demais da conta. Porque ali era uma porta aberta para você ir pro hospital. Então você já estudava a, por exemplo, você estuda clínica cirúrgica e enfermagem aplicada a clínica cirúrgica; você estudava clínica médica e enfermagem de clínica médica; ortopedia, enfermagem de ortopedia, você estudava clínica ao mesmo tempo que a enfermagem de cada especialidade. E aí, à medida que você ia, ia estudando, a, a, a cli ..., a parte clínica e a parte de enfermagem você sentia a pessoa mais ditosa do mundo, porque você, ao mesmo tempo que você tinha clínica e tinha enfermagem, você tinha o doente, que estava portador daquelas moléstias que você havia estudado. Então aquilo era assim, um verdadeiro encantamento, eu não acredito que foi só na minha vida não, foi na vida de todas que escolheram enfermagem (...).

Geralda: Falar em, em escolher enfermagem, Efigênia, fala pra gente, assim, o quê que levou você a fazer enfermagem? Você disse que é uma coisa que você gostou, mas como que você ficou sabendo do curso, como é que é, conta um pouquinho da sua história lá nos seus cursos iniciais, da sua infância, até você chegar a escolher enfermagem.

E.: É. O, o, o meu pai e a minha mãe trabalharam em hospital, hospital psiquiátrico do governo. E, como nós éramos uma família de 6 filhos, eu era a mais nova. Então, eu era muitas vezes levada para o hospital nos plantões da minha mãe, porque hospital do interior é

como que a casa da gente. Quer dizer, os pais vão trabalhar e levam os filhos também. Então eu ia, junto com minha mãe, e o meu primeiro contato com hospital e com pessoas doentes foi assim. Quer dizer, minha mãe ia trabalhar e eu ia com ela, e quando eu não entrava, eu ficava sentada na grade olhando pro hospital e achando aquilo uma maravilha. E, mas eu não, não atinei que fosse isso que tivesse me despertado a vocação, não. Acho a vocação profissional [murmúrio], não sei como explicar isso. Depois eu continuei, eu fui crescendo, logicamente, né, e fui para a escola normal, em Sete Lagoas, Escola Normal Regina Pacis. E de lá, de repente, eu despertei para a enfermagem. Então eu falei: bom eu vou para Belo Horizonte estudar enfermagem. Aí o meu irmão procurou saber, conversar com médicos amigos dele lá, e disseram que Belo Horizonte tinha uma escola de enfermagem muito boa, que chamava Escola de Enfermagem Carlos Chagas [risos]. E esse Carlos Chagas era um cientista que era meu conterrâneo, lá de Oliveira. A família Chagas é de lá. Então, e também existia a Escola de Enfermagem Hugo Werneck, que era, na época, da Universidade Católica [Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais], que funcionava lá na Santa Casa, me parece. Então essa aí eu não quis ir não, eu quis ir para a Carlos Chagas, porque era o nome do cientista que era meu conterrâneo e eu ficava muito feliz com aquilo. E lá vim fazer enfermagem. Foi assim. Então assim, precisamente o quê que me despertou, de repente eu não sei, só sei que me deu uma vontade incrível de, de fazer enfermagem e cuidar das pessoas. E foi por isso que eu vim, né.

V.: Voltando à história dos, do internato, é, quem, quem eram as pessoas que moravam lá, se pagava, como é que era isso?

E.: Ah. Não, não pagava nada. Você tinha casa e comida, né, e boa, casa boa e comida boa. Cama, muito bonita, muito arrumada e tinha uma governanta, não sei se é governanta que se chama ou, eu não sei qual era o cargo dela direito, assim nomenclatura do, do cargo, era Jojoca, que era uma criatura encantadora e ela estava na Escola de Enfermagem. Ecônoma, ecônoma, achei, ela estava na Escola de Enfermagem me parece que desde o início, não sei, só sei que em 55 ela já estava e já antiga lá. E ela exercia assim uma atividade, assim de controle dos gastos, da alimentação, do que que ia servir para as meninas, do, de todo o funcionamento da casa, e como a casa abrigava meninas do, do preliminar ao 3º ano é, é, devia ter muito trabalho isso, né? Então ela era assim meio rigorosa. Por exemplo, nós tínhamos no quintal jaca, quem é que ia querer comer doce de jaca se tinha jaca para pegar e comer à vontade. Ela pegava e servia doce de jaca. Quem é que ia querer aquilo, a gente ficava com raiva. E tinha piscina, o dia que ela queria pirraçar as meninas, ela fechava a

piscina, fechava a, a porta do quintal que dava para a piscina. Então para a gente ir lá na piscina, nadar um pouco, brincar lá no quintal, a gente tinha que telefonar para a “ma souer”, “ma souer” era diretora da Escola de Enfermagem na época, a gente chamava “ma souer”. Irmã Luiza Coimbra (...) é bonitinho, né. Então, e, e, ela, ela autorizava, ela diretamente ela ligava para a Jojoca e mandava que abrisse a porta, que as meninas queriam ir para a piscina. E olha, e a Jojoca não podia nem saber que a gente tinha ligado para “ma souer”, porque senão, ficava ruim, ficava ruim pra gente.

V.: Efigênia, você falou a, a Irmã Luiza era diretora da Escola. E a Irmã [Catarina] Fiúza, na época, qual o, você se lembra dela?

E.: Ah, não, estou enganada. Irmã Luiza era chefe da clínica cirúrgica. A Irmã Fiúza que era diretora da escola.

V.: Ela não morava no internato?

E.: Não, morava no hospital da, Hospital São Vicente.

V.: Qual a relação que ela tinha com vocês antes?

E.: Bom, você diz como?

V.: Da Irmã Luiza, oh, desculpe, Irmã Fiúza, é.

E.: A Irmã Fiúza era diretora da nossa escola, a Ir. Inês era secretária, mas a gente via na Ir. Fiúza, assim, ela tinha uma relação afetiva muito grande com a gente. Assim imensamente grande, sabe? Então, por exemplo, é, quando eu fui fazer saúde pública, saúde pública já é, já estava no 3º ano, né, eu fui fazer saúde pública, na época a gente usava um, um uniforme que é o que tem hoje, os taieurs de hoje, e na época chamava costume, era saia e casaco e blusa branca por dentro, meias finas e sapato preto, nós íamos, nós íamos bonitas.

V.: E na cabeça?

E.: Na cabeça nada, no cabelinho só a rede, uma rede assim bem fininha, prendendo o cabelo e uma pasta de couro com os materiais, todos que a gente gastava nas visitas de saúde pública. Então a “ma souer”, por isto que eu estou dizendo isto, a “ma souer” era assim o tipo de pessoa tão carinhosa que ela (gaguejando), ela me deu de presente o, o uniforme. Eu cheguei da, sei lá da onde, da rua, estava em cima da minha cama o taieur completo, com a blusa branca e um galho com, na época a gente usava pôr assim na roupa, um galho com fruta, tinha dois pêssegos [riso]. Ve..., veja a relação de afetividade que a, que ela exercia com a gente na Escola, ela não, eu não me recordo do, da “ma souer” dando aula, pode ser até que minha memória não esteja boa mais. Eu não me recordo dela dando aula, mas me recordo que a gente via nela a pessoa da diretora da escola, a amiga, a confidente, a, a, aquela diretora que

você podia contar com ela, tá, pra qualquer problema que você tivesse.

V.: Isso a Ir. Fiúza também?

E.: A Ir. Fiúza, a Ir. Luiza era moni..., era chefe da clínica cirúrgica.

V.: Ah. Tudo bem.

E.: E a Ir. Inês Assis era secretária da Escola de Enfermagem. Com a Ir. Inês nós mantínhamos um contato mais, assim, constante, porque ela era, ela que dava as escalas de estágio para nós. Então quando a gente chegava do internato ao Hospital, São Vicente, na época, depois, posteriormente que foi Hospital das Clínicas, então a gente ia à secretaria responder chamada e receber é, a escala de estágio. Então nós íamos para o estágio sem monitoria, sem ninguém. Porque as monitoras usavam ficar só na sala de aula, não sei porque, ficavam lá na sala de aula.

V.: As monitoras eram...quem eram essas, as monitoras?

E.: Era D. Rosa, não lembro o sobrenome dela, [de Lima Moreira], D. Daura [Pacheco Ribeiro], doce criatura, né, doce criatura, D. Daura; tinha Maria do Rosário [Barros], meu Deus, que criatura maravilhosa. Essa era monitora de ortopedia, e esta acompanhava a gente, ia para o estágio de ortopedia, ela ia junto. Eu fui aprender fazer atadura de gesso com ela. Eu fui aprender a mexer com osteomielite com ela. O primeiro curativo de osteomielite que eu fiz foi sob orientação dela. Então ela era uma criatura assim encantadora. Ela dava enfermagem e ortopedia e dava dietoterapia, porque, por incrível que pareça, a gente aprendia fazer, também, dieta.

V.: E ia para a cozinha fazer ...

E.: Não. Só na cozinha das enfermarias. Eram, assim, coisas rápidas que a gente fazia, por exemplo, um mingauzinho com farinha já previamente torrada, para as crianças, né, na pediatria, ou então um, um suco de fruta enriquecido com farinha, só isso. Era mais, era um ensinamento teórico, né? Do que que a gente usava para fazer mingau para recém-nascido, para menininho maior, para menino de pediatria, para isso, para aquilo.

V.: Eram as dietas específicas, também, para determinadas doenças, vocês aprenderam?

E.: Algumas coisas. Algumas coisas nós aprendíamos só teoricamente. Na prática, assim, lá na, na, na cozinha, né, que tinha que ter, isso aí nós não tivemos na época, não.

V.: Efigênia, voltando um pouquinho ainda na história do internato, é, que mais você se lembra do internato, do dia-a-dia no internato?

E.: Ah, o internato era assim simplesmente agradável. Era bom a gente chegar no internato. Nós tínhamos piano. Nós tínhamos radiola, na época, né, agora é som, né [riso], então nós

tínhamos radiola, nós tínhamos é, é, como eu já falei, piscina, aquele jardim maravilhoso. E aí nós chamávamos os moleques [riso], chamava os molequinhos para pegar, pegar jaca pra gente, manga, pegar jaca e manga. Então a gente tinha assim aquele, aquele, aquela maneira da gente viver no interior, era, a Escola de Enfermagem era continuação daquilo. Quer dizer, tinha o refeitório, tudo bem, uma mesa para quatro alunas, mas era assim um ambiente super agradável, você ter uma refeição ali naquele refeitório.

V.: Na sua época vocês tomavam, almoço e janta na Escola?

E.: Na Escola.

V.: Vocês vinham então do estágio para almoçar na Escola?

E.: Para almoçar na Escola.

V.: Quem eram as funcionárias, você se lembra de alguma?

E.: Ah, (...) muito difícil para me lembrar. Lembro da figura, mas o nome me falha.

V.: Íris ...

G.: As refeições eram em conjunto, com os funcionários, com os professores?

E.: Eram. Não, com as, com as professoras, com as professoras, com a Jojoca, né, e, e, as alunas.

V.: Quem eram essas professoras que moravam na Escola?

E.: Morava D. Izaltina [Goulart de Azevedo], morava a Maria do Rosário; a Maria do Rosário morava lá com uma irmã dela chamada Lourdinha, não era enfermeira, não, mas era uma criatura encantadora, convi..., tinha uma convivência ótima com a gente. E a D. Izaltina morava com duas irmãs, a Regina e a Guiomar.

V.: Que que essas pessoas faziam na Escola, tinham alguma atividade?

E.: Tinha, assim, de ajudar as freiras a controlar a disciplina. E como controlavam, né [riso], como controlavam!

V.: Você falou no, no, em questão de, desse controle, e as punições para quem transgredia essas normas?

E.: Bom, as punições, não, não eram assim tão graves, não, porque, a não ser o corte das saídas, que era o que as meninas mais gostavam, porque saía todo dia nove horas, até nove horas podia, mas sair até dez, não podia. Então isso era uma maravilha, sair até dez horas, não é, ainda mais se tratando de meninas que eram super, vigiadas, né, imagina 1955, que que era, né? Então, uma das punições era essa, cortava a saída, ou então aumentava plantão, da gente.

V.: Hum, da carga horária, né? Tinha que trabalhar mais.

E.: Aumenta plantão.

V.: Nenhum caso de umas, de uma transgressão maior, que tenha tido ...

E.: ...expulsão?

V.: Isto.

E.: Não, não lembro disso não. Lembro que eu tive uma colega que teve um, um probleminha, assim, de ordem mental, e na época não foi, não foi detectado como isso. Depois de muito tempo eu percebi que era, problema mental, e essa menina foi tida, assim, como indisciplinada. Então ela, por exemplo, estava no estágio e ela saía a hora que queria, não podia, tinha que entrar às sete e sair às onze. Ela não estava escalada para fazer estágio, ela ia assim mesmo. Ela começou a fazer uma série de, de coisas assim, então ela não recebeu expulsão, não, ela recebeu uma transferência de escola. Ela foi transferida para uma escola, me parece que em Juiz de Fora, um trem assim.

V.: Só ela que foi para Juiz de Fora, no seu período?

E.: Eu não lembro de outra que tenha ido, não. Lembro de uma outra menina, que largou de estudar enfermagem, não voltou, saiu de férias, depois não quis voltar. Lembro de uma outra de família riquíssima, Scarpelli, que tinha aqui em Belo Horizonte, já era uma moça assim mais vivida, mais, de nível social assim muito alto. Essa menina começou a estudar enfermagem, ela fez o primeiro ano. Fez de uma forma assim, que eu acho que ela estava até, vivendo, querendo vivenciar uma situação que não era o normal da, dela, da classe social dela, porque ela escolhia as tarefas piores para fazer, sabe? Como por exemplo, desinfecção de cama, ela queria fazer era isso, banho de leito, ela queria fazer era isso, a gente não queria e ela queria. A gente gostava de aplicar injeção, de ligar soro, de ligar sangue, de [riso] conversar com o paciente, ela queria fazer as tarefas mais difíceis. Ela ficou um ano e depois não voltou mais, mas não foi punida, ela pediu para sair. Então, quando eu me formei, formaram dezoito meninas. Foram as dezoito que começaram menos, esta menina que saiu, que então seria dezenove e formamos as dezoito.

V.: Como é que era o namoro nessa época, na Escola?

E.: Ah, isso aí era sério. Namoro lá era um treco sério mesmo, porque, você não podia ficar levando namorado lá. Não podia, que lá era nossa casa, não é? Você não podia levar namorado, como é que fazia? Então você tinha que sair e encontrar com ele até nove horas, quinze pras nove e voltar correndo para a Escola. Você jamas podia conversar com um rapaz estando uniformizada, nunca. Uma vez, contar para vocês, não sei se vale a pena ficar isso, se não valer, depois vocês apagam. Eu tinha um namorado, e, o namorado foi lá no hospital me buscar, no final do, do expediente. E eu vim de mãos dadas com ele pela alameda porque o

nosso internato era ali na Alameda Ezequiel Dias, então eu, eu vim do, Alfredo Balena, né, que chama a avenida, vim da Alfredo Balena, do Hospital das Clínicas até lá na, na Alameda. Ba, bas, bastou isso, né, para a casa quase cair em cima de mim. Que não podia, que não podia, que moça de, que, menina da Escola de Enfermagem que estava de uniforme não podia dar a mão para rapaz! Falei, mas é meu namorado! Mas não pode, você sabe que não pode, não pode de jeito nenhum, ele não pode te buscar, isso é [gaguejando], pega mal. E quem falou isso para mim? Você pensa que foi freira? [Negando com a cabeça] D. Izaltina, professora da Escola. D. Izaltina, formada em filosofia, quer dizer, tinha que ter uma mente mais aberta, né. Então não podia. Além do mais, o meu namorado era oficial. Ele de farda e eu de farda, né [riso], nós dois de farda, desfilando.

V.: Será que isso era por causa da farda, ou por causa, da relação em si mesmo?

E.: Eu acho que era por causa da relação em si mesmo, porque nenhuma outra ousava sair de mãos dadas com o namorado e de uniforme, né. Então aquilo incomodou, de uma certa forma o rapaz ser militar e eu, e eu estar uniformizada, eu acho que foi isso, não foi o fato, que namorar, todo mundo sabia que todas namoravam, né?

G.: Você se lembra da punição, ou foi só ...

E.: Foi só um xingo. A “ma souer” me chamou e falou que não podia e não sei o quê, aí eu quis saber quem foi que falou, diz que foi a D. Izaltina, depois foi a Ir. Regina.

V.: É, como é que era a vida religiosa, das alunas, tinha uma ...

E.: Não era obrigado, não era obrigado. A gente ia mais porque estava habituada a ir à Igreja. Então tinha missa diariamente no hospital e as meninas assistiam, se quisessem. Tinha, agora, as procissões da Igreja da Boa Viagem nós éramos obrigadas a ir e de uniforme e de capa.

V.: Uniforme de gala?

E.: Era. Tinha que pôr uma capa azul marinho em cima do uniforme.

V.: Como é que era esse uniforme? Além da capa, e o resto?

E.: Esse uniforme era: um vestido branco, abotoado na frente, de manga, né, comprida, manga comprida, uniforme de gala. Tinha uma capa de tecido azul marinho, você punha sobre esse vestido; a touquinha branca na cabeça e tinha uma meia branca, cobrindo toda a perna, né, e um sapato branco.

V.: E os outros uniformes, Efigênia?

E.: Os outros uniformes eram um vestido branco, mesmo, um avental pregueado é, assim, bem, rodado, pregueado, então ele trespassava aqui atrás, ó [mostrando com a mão], com quatro botões, e com, parecia uma veste, você punha sobre o vestido. Meias compridas e, e,

sapato branco e a touquinha na cabeça, e no cabelo, a rede. Mas, isso até que era bom, porque o cabelo não, não voava, em cima dos pacientes, né, era higiênico.

V.: Esse era o uniforme do hospital.

E.: Era das alunas, né.

V.: Das alunas. Das alunas fazendo estágio. E dentro da Escola usava-se algum uniforme?

E.: Não, roupa comum.

V.: Roupa comum. Você falou é, para a gente anteriormente sobre a, a cerimônia da insígnia, né? Você se lembra mais detalhe, como é que era essa festa?

E.: Era linda. Muita música, salgadinhos, refrigerante; a “ma souer” é que colocava, ou então ela passava a braceira para a madrinha que a gente escolhesse, sabe? Então a gente, era como se fosse uma formatura, a gente ia lá na frente, tinha aquela comissão lá da Escola, as professoras, secretária, uma superiora, alguém da Faculdade de Medicina, porque no, no, no início do meu curso, a Escola de Enfermagem era anexa à Faculdade de Medicina. Então tinham alguns professores, aqueles mais queridos. Na época eu lembro que nós, tivemos lá o Dr. Jesuíno, que era professor de química, não sei o sobrenome dele mais, não me recordo. Então era uma cerimônia assim bonita, é, era, era como se fosse assim uma, um, você sair de um (...) sei lá de que, você não sabia de nada, né, então você atravessou aquele período de, de preliminar para você começar a pensar que você já era, já estava começando ...

V.: É um rito de passagem, né?

E.: É, a, a se formar, uma enfermeira, então, com aquele ideal, com aquelas coisas bonitas todas, eu lembro que a nossa professora da Escola de Enfermagem, da, de história de enfermagem, a D. Izaltina, ela, não sei se ainda usa isso, tinha sempre um triângulo, como símbolo da enfermagem, então tinha lá, “Arte, Ciência e Ideal” embaixo, a base do triângulo era o ideal. E isso para nós era muito importante. Então a arte, ciência e, e, e ideal, era demais. Então quando você saía desse preliminar para entrar realmente começar aquelas matérias de clínica e tudo e ter contato com o doente, aquilo ali era um acontecimento, né, era uma batalha, né, que você venceu para poder conquistar a outra logo em seguida, que vinha realmente, então, a, o básico da, do, do estudo.

V.: Falar em estudo, como é que era o ensino teórico?

E.: (...) Dissertativo (...), simplesmente, com raras aulas de audiovisual, raras, um ou outro professor assim mais avançado é que levava um, uma filmadora, ou sei lá o que que era, e da, e fazia alguma projeçãozinha no quadro. Mas, isso era raro.

V.: Quem dava as aulas, eram?

E.: Olha, o, as de clínica eram os médicos, né, professores da Faculdade de Medicina. Então tinha Alberto Caran que dava anatomia, ele era assistente de clínica de anatomia, tinha o, o Dr. Jesuíno que dava química, na Escola de Medicina, ele era professor também na Escola de Enfermagem. Tinha o, ah, tinha vários, né, Mário Moreira, que era professor de gastroenterologia, tinha o (...), ah tinham muitos minha filha, minha memória não lembra de tantos nomes não [riso], porque eram muitas matérias, né!

V.: Esse conteúdo que eles ensinavam, isso era usado, era subs..., era importante para a prática da enfermagem depois?

E.: Ah era. Era porque ele dava, por exemplo, o, o, o, um vamos supor, ele dava, ele falava sobre o, o professor de clínica médica, por exemplo, chegava lá na sala de aula e falava sobre, vamos supor, o que que ele podia falar, sobre uma doença qual..., uma, uma e, uma hipertensão, sei lá o que, alguma coisa. Aí a enfermeira vinha e dava a aula da enfermagem naquela matéria, dava aula naquela, daquela matéria, da enfermagem daquela matéria. Quando você chegava na enfermaria, você sa..., você sabia a doença do paciente o que que era, o que que tinha causado, o por quê, a etiologia toda, né, o prognóstico, você sabia, e a enfermagem, o que, como é que você ia lidar com aquele doente.

V.: Qual a disciplina que você mais gostou?

E.: Ah, gostei muito de anatomia, gostei muito de pediatria, amei pediatria. Gostei de pediatria demais.

G.: Como que eram as aulas de anatomia, você se lembra?

E.: Anatomia nós tínhamos aulas teóricas e práticas lá na sala de anatomia, na faculdade (...)

V.: É, do ensino, da, da, da parte do estágio, o que que mais você se lembra de importante?

Você falou, o estágio era sempre só no Hospital das Clínicas, tinha alguma coisa fora?

[Sobreposição de vozes]

E.: Não, nós tivemos hospi..., é, estágio na clínica de dermatologia na Santa Casa, tivemos de fisiologia no Hospital Imaculada, que já foi desativado esse hospital há muito tempo. (...)

Tivemos de psiquiatria no Hospital de Psiquiatria Infantil (...), o que mais, só, não lembro de mais outro não. Foi psiquiatria infantil, fisiologia, dermatologia, fora, fora do Hospital das Clínicas [tosse].

V.: Os outros todos no Hospital das Clínicas, né, exceto saúde pública.

E.: É.

V.: E o da saúde pública, como é que foi?

E.: A saúde pública funcionava ali no, no Dispensário Modelo, tinha, um departamento ali de

saúde pública, não sei se ainda funciona isso lá, funciona?

V.: (...) Não sei.

E.: Chamava Dispensário Modelo, funcionava ali atrás do parque [Municipal]. Era bem perto da, do internato, segundo internato da Escola, né? O segundo internato era no Hospital da Cruz Vermelha. Então nós tínhamos ali o, o estágio e, a, tanto a aula de saúde pública, foi dada pelo Dr. Dilermando, parece que ele era diretor lá do, do Dispensário Modelo, do, e, e, e os, e os planos de visita domiciliar que nós fazíamos, que eram supervisionados pela [Maria] Zélia [Carneiro], no início, e depois a gente chegava fazia os planos, o, o plano era muito fácil de fazer porque as pessoas que nós visitávamos estavam todos registrados lá no Dispensário Modelo. Então não eram só casos de doenças contagiosas, não, predominavam doenças contagiosas, predominavam, mas nós fazíamos também vacinação, nas favelas, no, nesses bairros mais distantes também nós fazíamos vacinação e, e orientação também, por exemplo, das mães sobre como lidar com crianças, com recém nascidos, com mamadeiras, essa parte, assim, de orientação, é mais higiênica, né, com, com as mães.

V.: Tudo era lá?

E.: Tudo estava encaixado na saúde pública.

G.: E fora de Belo Horizonte, faziam estágio?

E.: Não, fo..., fora de Belo Horizonte não fizemos estágio em lugar nenhum, foi só aqui.

G.: O dispensário pode ser o atual, Dispensário Carlos Chagas, posteriormente.

E.: É, capaz de ser, chamava Dispensário Modelo.

V.: Nessas, estas visitas domiciliares, alguma coisa que você se lembra de importante, de especial?

E.: Eu me lembro que quando nós chegávamos para fazer as visitas, se a, se o paciente, se a pessoa que nós estávamos visitando era uma portadora de tuberculose, eles, algumas vezes, não queriam nos receber, porque já eram pessoas que estavam faltosas no dispensário, então eles não estavam a fim de receber, orientação ...

V.: Cobrança [riso].

E.: E nem cobrança, muito menos cobrança. Agora quando o, o estágio era de orientação ou de vacinação a gente tinha uma recepção maravilhosa, no bairro para onde a gente ia. Escolhia uma casa, e lá fazia o centro de saúde, e dali então a gente vacinava a meninada, conversava com as mães, orientava sobre, sobre mamadeiras, sobre higiene com o bebê, sobre curativo, sobre os banhos, orientação de puericultura.

V.: A saúde pública ia às pessoas, né, e não as pessoas ...

E.: Ia, iam. E cobravam, né, porque se a pessoa estava marcada para ir no centro de saúde e ela não comparecia, então as alunas da Escola iam atrás deles. E era bom, porque eles voltavam. Se eles não voltavam por vontade, voltavam por pressão, que a gente não largava o pé deles.

[FINAL FITA 1 – LADO A]

[FITA 1 – LADO B]

V.: ...A relação das alunas com os funcionários, seja do hospital seja, pessoal na área de saúde pública?

E.: Bom, com os funcionários do dispensário, que nós estávamos, assim, ali com eles, não era, era um, uma, uma, uma, uma relação assim [gaguejando] bastante indiferente, sabe? Porque o, nós estávamos ali para fazer o estágio, nós tínhamos uma monitora ali, excelente, então o nosso papo era mais com ela, as outras a gente não ...

V.: Que era a Maria do Rosário?

E.: Não, é Zélia Carneiro.

V.: Ah, Zélia Carneiro.

E.: Zélia Carneiro. Agora dentro ...

V.: ...mas ela era também enfermeira do, do local?

E.: É, enfermeira do posto. Ela era enfermeira do posto, e professora, né, da, da Escola, então quando a gente saía, ia sa..., terminar de fazer a clínica, né, sa..., saúde pública, a gente ia direto pras, continuar nas mãos dela, no dispensário, aí a gente ...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

E.: ... funcionamento das coisas que aconteciam no posto. Agora, no hospital, também acontecia de certa forma igual. Por que que acontecia? Porque quando tinha enfermeira, nós nos aproximávamos daquela enfermeira. Mas nem toda clínica tinha enfermeira! O, o, o Hospital das Clínicas, na época gente, ele, Hospital São Vicente, Hospital das Clínicas, eles usavam muito a Escola de Enfermagem como mão-de-obra mesmo ali .

V.: Tinham poucos funcionários?

E.: Tinham poucos funcionários e, e eles usavam as meninas da Escola de Enfermagem. Isso, de uma certa forma, é, beneficiou a gente, porque a gente pegou um, um, uma iniciativa, uma

tarimba de trabalho muito forte. Quer dizer, às vezes até, não sei se errando.

V.: Porque não tinha alguém junto, não é?

E.: Não tinha, então você tinha que to..., tomar determinadas iniciativas [tosse], aí você, utilizava seu bom senso, sua intuição, fazia da melhor maneira possível. Sempre colocando o paciente em primeiro lugar e, e, e aquele amor que a gente, aquele ideal, né, que motivou a, o estudo da enfermagem, tudo direcionado ao doente. A gente não ligava muito para consequência, não, a gente ligava era para o doente, o doente está bem, eu estou feliz. Então, o, o, o objetivo da gente era todo canalizado para o doente.

V.: Algum doente em especial nessa, nessa época de aluna, Efigênia?

E.: Ah, tinha, tivemos. Eu tive, fiquei conhecendo lá um Sr. Vicente, que era um paciente que tinha perdido as pernas, uma das pernas, de acidente, sei lá de que que foi, ficou muito tempo no hospital. E a gente, eu fiquei muito amiga dele, gostava dele, tinha pena dele, que ele teve uma situação sócio-econômica excelente, depois caiu em um hospital, praticamente de indigente, né, que é o que eles chamavam na época, né, quer dizer, quem não tinha dinheiro era indigente, né?

V.: Era. *da enfermagem*

E.: Era indigente, então, conheci esse Sr. Vicente, conheci um outro paciente na clínica de ortopedia, ele teve osteomielite e eu cuidei desse paciente depois ele, [gaguejando] restabeleceu, saiu, ficou bom, fez, es..., estudou arquitetura e por, por coincidência conheceu o meu marido, no escritório de engenharia, e lembrou de mim, então é bom. Eu cuidei de uma, de uma paciente, também, que teve uma, um problema muito sério assim de gengiva, então deu um abscesso e, e abriu todo o rosto dela. Essa mulher depois de muitos anos eu a encontrei, na rua, eu não conheci, mas ela me abraçou. Então você tinha coisas, assim muito gratificantes, sabe? Você tinha ligação afetiva com o paciente.

V.: Algum caso de namoro ou casamento entre aluno e paciente, nessa época?

E.: Não, nenhum. Não lembro de, nem namoro e nem casamento entre paciente não.

V.: Você falou sobre a re..., a, a ceri..., as festas, né, que a Escola, que as alunas eram obrigadas a ir, no caso as festas religiosas na, na Igreja da Boa Viagem. Mais alguma outra festa, ou, ou cerimônia assim que vocês participavam?

E.: Obrigatoriamente?

V.: Sim. *anos DA...*

E.: Não. *e alguma da*

V.: Tipo, é, Sete de Setembro?

E.: Não, não. Era só [gaguejando], a procissão de Corpus Christi que nós íamos, especificamente a de Corpus Christi.

V.: Iam alunas e professoras também?

E.: Alunas, professoras não lembro delas irem não, mas, a Jojoca ia com a turma de alunas [risos].

V.: Vigiando. É, é, e sobre é, a, a semana da enfermagem, existia alguma atividade, em [19]55 teve um congresso aqui, as, as alunas participaram, você se lembra?

E.: Não lembro.(...) Tinha, tinha comemoração na semana da enfermagem, sim. Nós tínhamos comemorações assim, tipo assim reuniões, palestras, sabe, e tinha assim mais recreação na Escola, mais folga também a gente tinha, mais folga, tinha plantão, a semana da enfermagem não dava não.

V.: Era livre.

E.: Era livre.

V.: Que festa que tinha na Escola?

E.: Tinha festa junina, tinha natal, muito comemorado, comemorava muito bem o natal, na semana da enfermagem e, parece que, nascimento de Santa Luiza de Marillac, uns trem assim, [tosse] tinham algumas coisas assim com conotação religiosa e tinham outras assim bem mais descontraídas.

V.: Essas festas o pessoal de fora podia ir?

E.: Podia, a gente convidava pessoas de fora.

V.: Quem que ia de fora?

E.: A gente convidava os meninos, né, os rapazes que a gente não via, né.

V.: E aí podia entrar na Escola?

E.: Ah podiam. A gente geralmente convidava os estudantes de engenharia, de direito, de medicina, os de medicina achavam que eles eram muitos donos da Escola, sabe? Então esses, nem que a gente não convidasse, eles iam assim mesmo.

V.: Estava, então era, existia uma relação [riso] grande ...

E.: Muito grande.

V.: ...entre as alunas da ...

E.: Muito grande [riso]. Existia na, na faculdade um diretório acadêmico e, que nós chamávamos DA. e eles faziam, é hora dançante, todo sábado, então era, era, os estudantes de medicina e aluna da Escola de Enfermagem dançando.

V.: Onde que era esse DA?

E.: Era lá na Faculdade de Medicina.

V.: E o DA. da Escola?

E.: Ah, DA. da Escola não, não estou lembrada o que que é que a gente fazia não. Acho que a gente ficou é junto com eles mesmo, sabe? Não lembro se tinha um especificamente da Escola de Enfermagem, não, não lembro disso não.

V.: Honorinda [de Souza Lima, presidente do DA 19954/55], tem a [Maria] Adelina [Salomom, 1ª secretária do DA 1954/55] tem um é, um grupo que foi da direção da, do DA. da época, você não se lembra?

E.: Ah, então teve, como é Honorinda, não, será que foi antes de mim ou depois?

[INTERRUPÇÃO DA FITA – procurando coisas sobre o DA]

E.: Adelina [tinha], Elisa, tinha uma Elisa que parece que era presidente do DA da Escola, sabe, tinha sim. Tinha o da Faculdade [tosse] de Medicina e tinha o da Escola e, e, a, mas havia assim um contato muito grande nosso, eu não sei se é por causa dos estágios que a gente estava junto, estavam sempre os meninos do 5º, do 6º ano de medicina junto com as meninas da Escola de Enfermagem, a gente fazendo estágio no mesmo pé, em pé de igualdade, nas enfermarias. Então havia essa aproximação maior, né.

V.: Mas dessa organização estudantil, dentro da Escola, você que, você não se lembra dessa?

E.: Não, não lembro que tenha sido uma organização forte.

V.: Significativa, né?

E.: Isso aí eu não lembro.

V.: Ô Efigênia na, na, na época do internato na Cruz Vermelha continuou do mesmo jeito, a vida na Escola?

E.: O mesmo rigor?

V.: É, o mesmo rigor.

E.: Mesma coisa.

V.: O mesmo, [gaguejando] e assim as saídas?

E.: Mesma coisa, mesma coisa.

V.: Tudo a mesma, só não tinham as frutas, só não tinha quintal?

E.: Não tinha nem as frutas, nem o quintal, nem o jardim [riso]. A única coisa que tinha o Parque [Municipal] em frente, né?

V.: Como é que foi essa mudança da Escola, da Serra [bairro], para, para, para o [Hospital] Semper, [Hospital da Cruz Vermelha, na época]. O que que você se lembra dessa mudança?

E.: Ah, me lembro que disseram que nós tínhamos que mudar porque a casa ia ser vendida, ou

que o dono não queria mais que a Escola de Enfermagem ficasse lá, que as meninas da Escola, e de uma hora para outra nos mostraram o Hospital da Cruz Vermelha que estava recém construído, novinho, não tinha doente lá, então disseram que tinham alugado o primeiro e segundo andar para nós, mostraram os quartos, que eram super mais confortáveis do que na Serra. Eram quartos, eram apartamentos para quatro meninas, lá na Serra a gente dormia até dez em um quarto só. É, era mais difícil, né, lá era mais difícil. Então nós tínhamos um apartamento mais confortável, no centro da cidade, bem mais no centro, no, não íamos mais depender nem de bonde, gente andava era de bonde também, sabe, e nem da “Coramina”, [carro tipo jardineira], porque a “Coramina”, primeiro ela levava as meninas do terceiro ano para depois que levava o terceiro ano vir buscar as do segundo, para depois vir buscar as do primeiro, então era um vai pra lá, um vem pra cá, que era uma coisa horrorosa. Então isso aí nós íamos ter mais, mesmo porque a ca..., a “Coramina” tinha capotado, não tinha “Coramina” mais.

G.: Como que ela capotou?

E.: Capotou indo para o aeroporto; a Ir. Fiúza, que era diretora da Escola, ela foi fazer uma viagem ao Rio de Janeiro, porque no Rio de Janeiro tinha o convento das Vicentinas, chamava Matoso, é no Matoso, acho que é um bairro que chama Matoso, sei lá, só sei que chama Matoso, então a Ir. Fiúza ia lá, ao Rio de Janeiro, não sei o que, passear, e no caminho do, da Escola lá para o aeroporto teve um acidente com a “Coramina”, o motorista chamava Beraldo, tem umas pessoas que a gente não esquece o nome, outras esquece, né? Então o, houve um, um problema e ela teve uma, uma trincada na base do crânio, uma trincadinha, não chegou a ser fratura grave não. Por causa dessa trincadinha que deu na base do crânio da, da “ma souer”, eles trocaram de diretora, o que eu acho que eles já queriam fazer isso mesmo.

V.: Hum.

E.: Porque logo depois disseram para que a “ma souer” não podia ser mais diretora, que vinha outra, outra irmã para ser diretora, aí veio uma peste chamada Ir. Emília [Clarízia].

V.: Hum. Fala da Ir. Emília pra gente.

E.: A Ir. Emília era uma figura engraçada, né. Era, era general, né, Ir. Emília.

V.: Pior do que então, foi pior com a chegada da Ir. Emília?

E.: A Ir. Emília chegou numa época, Valda, que, que nós estávamos terminando o curso de enfermagem, então nós já éramos senhoras da situação, nós já, já estávamos terminando e chega a Ir. Emília, com toda é, o, autoridade dela, para substituir a “ma souer”, que era amiga. Então chega uma Ir. Emília, quem que ia aceitar? Ninguém, nós já estávamos quase com o

diploma na mão! Apesar de que ela fez, ela, ela promoveu uma festa linda para nós no Conservatório Mineiro de Música.

V.: A formatura?

E.: A formatura. Promoveu um coquetel para os nossos pais, é, promoveu uma missa linda na Igreja Sagrado Coração, né, aquela da [avenida]. Alfredo Balena. Mas, apesar disso, ela era muito mandona, muito autoritária, nariz muito em pé, general, general puro. Então não foi aceita, não foi bem vinda.

V.: E aí?

E.: E aí foi um caos, né? Quer dizer, ninguém queria mais obedecer, ninguém queria saber, as meninas que moravam em Belo Horizonte ela mandou que elas fossem pra casa delas, e foram.

V.: Tirou então o, a, o, as tirou do internato?

E.: Tirou, tranqüilamente, as meninas que moravam em Belo Horizonte foram pra casa delas, né, as que moravam no interior não tinha jeito, né, ela teve que agüentar. E aí o que aconteceu, [tosse] aconteceu que o hospital, Hospital da Cruz Vermelha começou a funcionar, os outros andares começaram a funcionar, então nós fomos ficando meio espremidas ali, bem espremidas, até que, dali as meninas foram para a avenida Getúlio Vargas.

V.: Já aí, não foi mais no seu tempo?

E.: Eu já, não, já tinha saído, graças à Deus. Porque, na Avenida Getúlio Vargas, me falaram que também não estava legal, o internato. Mas, na minha época, foi assim desse jeito, minha filha.

G.: E, e notícias sobre a construção do, a, da, do prédio atual? Você, você participou ...

E.: Ah, isso não. Isso aí, não, não. Isso aí foi muito depois que eu me formei. Olha, Geralda, para você ter uma idéia, eu já estava trabalhando, eu tinha muitos anos quando eu soube que a Escola de Enfermagem estava fazendo um prédio.

V.: A construção começou em [19]55.

E.: 55?

V.: (...) em 57.

G.: Ela começou em 58.

V.: 58, a construção.

E.: Na época que eu saí.

G.: É, ela começou ...

E.: Mas, é que quando eu me formei eu não fiquei em Belo Horizonte, eu fui para o Rio de

Janeiro.

G.: Ah, nós vamos chegar lá [risos]. Antes de chegar lá, fala para a gente como que eram as férias suas, onde você passava as férias?

E.: As férias. As férias a gente tinha, deixe eu ver como é que eram as férias, parece que tinha um mês e quase dois, de férias. Porque o nosso curso era intensivo, então nós tínhamos férias bem reduzidas, não recorro quantos dias mais não [sobreposição de vozes]. Nós tínhamos que ter “xis” de, de, de, dias de estágio e “xis” de aula para poder formar, então as férias, o curso era intensivo, então você tinha que fazer em três anos o que talvez agora estejam fazendo em quanto tempo?

V. e G.: Quatro anos e meio.

E.: Quatro e meio. Então nós tínhamos que fazer em três. Então na, nossas férias eram pequenas. Eu ia para a casa dos meus pais, ia pra, eu não tinha pai mais, eu tinha mãe, né, ia pra Sete Lagoas, ia pra Oliveira, passear um pouquinho.

V.: Efigênia é, vamos tentar lembrar um pouquinho, no período que, no ano que a Escola saiu da Serra para ir para, para a Cruz Vermelha, foi no período de férias, todo mundo saiu junto?

E.: Não, não foi não. Todas saímos juntas, todas saímos juntas.

V.: Foi no período, você não lembra o mês não?

E.: Não.

V.: Mas foi durante o período de aula normal?

E.: Foi, no ano letivo, foi. Ah, e tem outra coisa muito boa, nós podíamos escolher as companheiras de quarto. Isso foi ótimo.

V.: Vocês ficavam no primeiro e no segundo andar inteiro, ou era só uma ala?

E.: Não, o primeiro, o primeiro andar funcionava de um lado dele, de um lado (...) era do lado direito, funcionava o refeitório e a cozinha e lavanderia. Se eu não estou enganada, lembro que refeitório e cozinha tinha, embaixo, no segundo andar, que corresponde quase ao primeiro, né, primeiro andar, nós tínhamos todo ele ocupado, de um lado e do outro. Então nós tínhamos quarto das meninas do terceiro ano, que ficava numa ala, esquerda, e, o, e, e, e, assim espalhado, as monitoras, o quarto das freiras que du..., duas freiras dormiam com a gente na Escola de Enfermagem, tinham duas freiras. Então tinha o quarto das freiras que era o quarto da frente, tinha o da D. Izaltina, da Maria do Rosário e tinha o nosso, eram apartamentos. E aí foi bom porque nós escolhemos as, as colegas, eu tinha vindo de Sete Lagoas com mais duas da Escola Normal, então eu escolhi as duas para ficar comigo, eram quatro, a quarta eu não lembro nem quem que era mais, quer dizer, teve tão pouca importância

que eu não lembro direito, né?

V.: Nessa saída...

E.: ...infelizmente, né? Devia ser boa a pessoa, senão eu não ia querer ficar no quarto dela, eu era meio rebelde [riso].

V.: Na, nessa saída das alunas que moravam em Belo Horizonte, as professoras continuaram, ou foram só as alunas que saíram do internato quando a Ir. Emília...

E.: ...continuaram. As professoras eram o seguinte, a Maria do Rosário não tinha casa aqui, a família dela já tinha acabado, então era ela, ela não tinha residência.

V.: Ela tinha um quarto especial?

E.: Tinha. Igual o nosso, né, apartamento para ela sozinha...

V.: Hum, só que ela morava sozinha, hum, hum.

E.: Para ela e a irmã dela. A Izaltina não morava aqui, elas eram de Itajubá, então tinha um quarto para ela mais as duas irmãs. Não era especial, era igual ao nosso, mesma coisa. A alimentação delas também não era especial, era igual a nossa, elas não [gaguejando], tomavam as refeições no refeitório, junto com a gente.

V.: Na Cruz Vermelha também vocês voltavam para almoçar e jantar?

E.: Voltava.

V.: E à noite na Cruz Vermelha, como é que era, já que não tinha mais o piano, ou foi o piano também?

E.: Tinha piano. Tinha uma sala de [riso] ...Tinha a sala linda, bem no meio, com piano e poltronas que nós trouxemos lá da Serra para lá.

V.: Foi toda a mobília.

E.: Radiola, a, os trecos tudo foi pra lá.

V.: Toda a mobília da sala foi para, para, o Semper, desculpe, para a Cruz Vermelha?

E.: Com alguns acréscimos, né, alguma coisa que faltava lá foi acrescentado.

V.: Na, na ...

E.: É, lá na, na Cruz Vermelha [porta batendo].

V.: Bom, vamos chegar agora na formatura, né, como é que foi, você começou a falar que teve várias solenidades que a diretora promoveu...

[INTERRUPÇÃO DA FITA – CHEGADA DE UMA PESSOA]

V.: É, sobre a formatura, mais, mais alguma coisa importante? Quem foi paraninfo, quem escolheu?

E.: (...) Bom a gente teve (...) o paraninfo e os homenageados.

V.: Vocês escolheram?

E.: Nós escolhemos. Entre os homenageados, nós tivemos um professor que a gente tinha muito carinho com ele que era o Ênio Coscarelli, era professor de, o, de, de clínica de oftalmologia e o estágio que eu fiz na clínica oftalmológica foi belíssimo, então a gente, não só eu, como todas as minhas colegas. Tivemos, tivemos o nosso professor de sociologia, que ele era diretor da Escola de Direito ou professor, chamava Antônio Cançado, ele foi o nosso paraninfo. Nós escolhemos esse, esse professor, ele não, não tinha nada a ver com, com medicina, né, com enfermagem, ele era advogado e era diretor da escola ou professor da Escola de Direito, por causa da, do carinho e das aulas maravilhosas que deu para nós de sociologia, então ele foi nosso paraninfo. E foi muito bonita a formatura, foi no Conservatório Mineiro de Música, e, e, naquela sala onde é que tem Carlos Gomes, regendo uma orquestra, né, muito bonito; tivemos a missa na Igreja da, do Sagrado Coração, tivemos um coquetel para os pais e tivemos a colação de grau no Conservatório.

V.: O coquetel foi na Escola mesmo?

E.: Foi na Escola.

V.: Na Cruz Vermelha?

E.: É.

V.: Alguma greve no período de aluna?

E.: Teve uma greve da Faculdade de Medicina, como o nosso D.A. estava muito ligado ao deles, nós também entramos na greve.

V.: Hum.

E.: Lembrei disso.

V.: E, você lembra o motivo?

E.: Essa greve, essa greve era o seguinte, o, eles reivindicavam maior participação no, como é que chama esse (...)

V.: Representação.

E.: Representação de estudantes no, conselho, né?

V.: Na, é, nas...

E.: Nas decisões lá do...

V.: Nas, na organização, na administração da Escola, né?

E.: Isso aí. E, eles faziam, essa reivindicação era mais seria...

V.: Greve do 1/3?

E.: Era a mais séria.

V.: Tinha que ter um terço de, de representação discente.

E.: É, é. É isso aí. Então essa greve foi séria, essa greve a motivação dela foi dos alunos da Faculdade de Medicina e a Escola de Enfermagem entrou, porque quis. Nós não tínhamos nada para reivindicar. Eu não estava compreendendo aquilo, eu não entendia que a, que a, aquele negócio daquela greve. Então a Escola de Enfermagem ficou super, as meninas da Escola de Enfermagem ficaram super prejudicadas com aquilo, não houve um, um, um, uma participação do objetivo da greve, para nós da Escola de Enfermagem, se houve foi lá na medicina. Eu lembro que eles faziam uma assembléia geral e ficavam falando, falando, falando e a gente não estava nem interessada naquilo. A gente estava muito interessada era em estudar, em formar, não estava nem pensando naquilo. A gente não tinha um, uma, uma formação assim política não, não tinha e na Escola de Enfermagem, gente, por mais incrível que parece, só tinha mulher estudando.

V.: Por que será?

E.: Não sei, acho que as irmãs não deixavam né?

V.: Você conheceu algum profissional da área enfermagem, homem, nessa época?

E.: Não, nenhum.

V.: A não ser seu pai [lá] no interior?

E.: Ah, mas meu pai não era enfermeiro, meu pai, ele trabalhava em manutenção de, de máquinas, ele não era enfermeiro. Então e, e, e, e o cargo da minha mãe foi um cargo assim dado por política, porque, porque o meu pai tinha morrido, então foi por isso que a minha mãe foi, então era um, a, aquele protecionismo que as pessoas tinham no serviço público, foi isso, minha mãe não, minha mãe era professora, ela não era formada em enfermagem. Então, o, o, o que mesmo que você...

V.: A greve.

E.: E greve foi um, um, um negócio assim que, naquela época que a gente não tinha consciência política nenhuma, de nada, não tinha mesmo, pode conversar com as mulheres daquela época para você ver, elas não, a gente não tinha, eram meninas novas e, e, então a gente não, eu me formei com dezenove anos, ué.

G.: Você nunca teve notícia de homem tentando entrar... do sexo masculino nunca.

E.: Nunca tive notícia, sabe? Nunca tive notícia, de nenhum homem querendo, ser enfermeiro e, e, e, se tinha eram assim práticos, os que eles chamavam de guarda dentro dos hospitais, né, mas, na Escola de Enfermagem, com formação profissional, negativo. Aqui, desculpa...

[INTERRUPÇÃO DA FITA, a pedido da entrevistada]

G.: Ô Efigênia, é, a Escola prestava algum serviço para a comunidade, existia algum tipo, uma forma de prestação de serviços, pelas alunas, injeção, curativo?

E.: Na época que eu estudei não lembro não.

G.: Nada?

E.: Nada, nada. Nesta época que eu, na minha época não.

G.: Hum, hum. Plantões particulares?

E.: Não, nada.

V.: Bom, depois de formada você foi traba..., você se sentiu preparada para, para começar a trabalhar?

E.: Ah senti, senti ótima.

V.: Segura?

[INTERRUPÇÃO DA FITA, erro técnico]

E.: Segura, muito segura. Então essa experiência da Escola de Enfermagem sem monitora foi válido, muito válido, porque não tinha ninguém ali para poder falar “faz assim, faz assado”, não tinha. Então eu teria que tomar as iniciativas. E foi muito bom. Eu, quando eu me formei, eu fui trabalhar, primeiro eu fui substituir uma enfermeira no SESI, antigo SESI, que era Serviço Social da Indústria, né, tinha um ambulatório muito bom ali na rua Curitiba, fui trabalhar lá, trabalhei oito meses lá. Aí quando a minha colega retornou, eu fiquei sem o emprego, mesmo porque eu era só substituta, né, e por coincidência quem me arranhou essa, esse, esse subs..., substituição foi a Zélia que foi minha professora de Saúde Pública. Aí depois eu fui para o Rio de Janeiro lecionar numa escola de enfermagem do Estado, de lá. Essa escola de enfermagem ela funcionava em Niterói, eu fui ser monitora de, das alunas.

V.: Quem que arranhou esse serviço para você?

E.: Nenhuma, foi uma tia torta da minha cunhada, que é enfermeira, era enfermeira do SESP [Serviço Especial de Saúde Pública], ela então arranhou esse emprego para mim lá, eu fui para lá, para essa escola de enfermagem e eu acompanhava as alunas, não num estágio específico, qualquer estágio, e eu tinha segurança, eu sabia enfermagem daquelas, daquelas áreas todas. É, lá o Hospital Antônio Pedro, que se chama esse hospital, em Niterói, eu não sei se ainda existe. Então eu acompanhava as meninas em, em, em várias especialidades. Eu acompanhava

em pronto socorro, em clínica médica, em cirurgia, em doenças infecto-contagiosa, quer dizer, eu, eu, eu me sentia tão segura, eu devia de transmitir isso, porque eles me usaram para isso, para, para ser moni..., acompanhar as meninas, indiferente do, do grau que elas estavam e da especialidade que estavam fazendo. Mas, no Rio de Janeiro eu não gostei.

V.: No ensino, só um pouquinho, é, você sentiu alguma diferença entre a nossa escola e a escola que você começou a ser professora, monitora?

E.: Mais ou menos é, assim, o, sobre o ensino, igual, agora sobre a liberdade, não, a liberdade delas lá era outra, porque lá era uma escola dirigida por uma enfermeira, era uma escola de leigos, né, então não tinha irmã no meio, aí era diferente. As meninas eram livres, podia sair, podia ir para onde quisesse, tinha que cumprir o estágio e, e cumprir o horário de aula, obri..., também moravam no internato, porque ela era assim retirada da cidade e, as meninas moravam na escola, mas não tinha essa, aquele rigor que tinha a minha escola, era diferente. Essa enfermeira que arranjou esse emprego também era professora lá nessa, escola, ela era orientadora lá de Saúde Pública. Então eu me sem..., eu fui assim super bem recebida lá porque a Escola de Enfermagem Carlos Chagas ela tinha uma fama muito boa, então quando chegava uma, uma enfermeira e falava que tinha formado na Carlos Chagas ela facilmente arranjava emprego. Como eu não gostei de ser professora, eu consegui um emprego lá no hospital, num sanatório, que chamava Sanatório de Curiacica, mas lá eu não quis botar o pé não porque eu ia ter que ficar no Rio [de Janeiro] e no Rio eu não queria ficar, então voltei para Belo Horizonte. Aí aqui eu, passeando aí pela rua, arranjei um emprego no Pronto Socorro Infantil. E fui para o, pro Pronto Socorro Infantil...

V.: Na [avenida] Assis Chateaubriant?

E.: É. Fui para lá porque o, o, um dos diretores de lá tinha sido meu professor de ortopedia (...), esqueci o nome do homem, ele era ortopedista, esqueci o nome dele. Então eu fui trabalhar lá. Lá era bom, nós éramos cinco enfermeiras, só enfermeira lá, atendia elite de Belo Horizonte, né, só gente rico pintava lá, meninada rica. Foi muito bom, fiquei vários meses lá e até que saiu um chamado para eu ir para o Hospital Júlia Kubitschek. Então eu fui para o Hospital Júlia Kubitschek na organização dele, de enfermagem e, e lá eu fiquei alguns meses aí o hospital, que estava sendo aberto em campanha política não, não foi aberto coisa nenhuma.

V.: Que ano foi isso, Efigênia, se lembra?

E.: Ah, 55, 56 acho que foi em 57.

V.: Você formou em 58?

E.: 58, 59, 60, acho que foi em 60 mais ou menos.

V.: Hum-hum.

E.: Não lembro direito não, mas acho que foi 60, acho que foi nessa brincadeira de ficar no Rio de Janeiro, ficar no Pronto Socorro Infantil, capaz de ter ficado um ano e meio mais ou menos, né? Aí eu fui lá para o Júlia Kubitschek fiquei uns meses, dando treinamento para o pessoal que não tinha, é, tinha quarenta enfermeiras.

V.: Quantos pacientes?

E.: Nenhum, nós estávamos organizando o hospital.

V.: Você esta..., você é do tempo da fundação da, do Júlia?

E.: Fundação, fundação do Júlia. Então nós começamos a dar treinamento para o pessoal que eles tinham, é, feito inscrição e tinham chamado, que foi um hospital nascido em época política, né. Então muita gente que foi que falou que era enfermeira não era, não era nem, não era também auxiliar de enfermagem, não era enfermeira, então nós selecionamos o pessoal: que era, quem não era auxiliar de enfermagem, ficou quem era, não era enfermeiro, era atendente, existia essa denominação, e esse pessoal nós treinamos. Então eu fui ensinar para eles as coisas. Muito bem, e lá eu fiquei um tempão. Ah, bom, mas antes de ir para o Júlia Kubitschek, que que foi que aconteceu (...), não recordo se foi no Júlia que eu trabalhei também na medicina preventiva, não, não sei se foi no mesmo período, acho que foi, eu estava no Júlia Kubitschek e na medicina preventiva, o, o, o diretor da facul..., da medicina preventiva era o Dr. José Pinto Machado, que foi diretor da Faculdade de Medicina e trabalhava com ele uma enfermeira que chamava Maria Tereza Mendonça, que era professora de saúde pública da Escola de Enfermagem e eu não sei como é que foi que essa mulher ficou me conhecendo e eu fiquei conhecendo o Dr. José Pinto Machado e me convidaram para ir para a medicina preventiva. Eu fui, fiquei na medicina preventiva fazendo uma saúde pública de alto gabarito, excelente mesmo o programa deles. Acho que você fez estágio lá, não fez ? [dirigindo-se a Valda]. Ah, acho que eram só as meninas do curso superior que faziam.

V.: É, da Cruz Vermelha não, só depois.

E.: É, só do curso superior. Então eu fiquei na medicina preventiva e no Júlia Kubitschek. Depois o Júlia Kubitschek não abriu coisa nenhuma, aí eu fui trabalhar no Sanatório Estadual.

V.: Eduardo de Menezes?

E.: Eduardo de Menezes.

V.: E esse, esse período então o, os funcionários do Júlia foram todos para o Eduardo?

E.: Todo mundo mandado embora, todo mundo contratado. Todo mundo perdeu emprego, era

contrato; então não tinha saído nomeação de ninguém. Aí quando, então quando nós, falaram que não ia inaugurar o hospital coisa nenhuma, e coisa, bom eu fui caçar serviço e arranjei no hospital, lá no Eduardo de Menezes e lá eu fiquei e apaixonei, eu nunca tinha mexido com tuberculose na vida, assim, profissionalmente, né, fiquei e amei o hospital. Então quando saiu minha nomeação para o Júlia Kubitschek eu não queria nem ir, mais, eu estava tão bem lá no Sanatório Estadual que não tinha vontade de sair de lá mais. Mas, aí, o diretor lá do Sanatório Estadual me, conversou, eu era muito nova né, ele pegou e falou, “Efigênia, eles te oferecem um, uma nomeação, vá para lá”. Aí eu fui, saiu a nomeação no Diário Oficial, aquelas bobajadas, né? E lá eu fiquei vinte e sete anos da minha vida, vinte sete anos e meio.

V.: Você chegou a pegar as mudanças todas, então do Júlia?

E.: Não. Ah, sim, como?

V.: De, de hospital de tuberculose para pneumologia, depois...

E.: Ah, sim.

V.: ...para hospital geral.

E.: Toda a história dele, toda a história dele, né?

V.: Precisamos resgatá-la, hein?

E.: Agora, a, a, de [pneumologia] para clínica geral não, porque eu já tinha saído.

V.: Você aposentou, saiu de lá para aposentar?

E.: Não, eu, eu saí de lá e fui para o posto de, de atendimento, né, o PAM [Posto de Atendimento Médico] da, da Sagrada Família.

V.: Por que você saiu do Júlia?

E.: Ah, sai porque, estava muito longe lá para mim, eu já estava morando aqui na Cidade Nova com dois filhos pequenos, né? Como eu trabalhei lá vinte e sete anos e meio, quando eu pedi minha transferência, me deram na hora, falaram que eu tinha todo o direito, eu já tinha ...

V.: Que era difícil conseguir transferência do Júlia.

E.: Não, eu já tinha, eu consegui assim, em um mês eu consegui a transferência de lá, porque eu falei com o diretor: “Eu não quero ficar aqui mais, porque aqui é que está muito longe para mim, está muito difícil, minhas crianças estão muito pequenininhas, eu moro na Cidade Nova agora, o PAM da Sagrada Família está muito próximo da minha casa, por favor me dê a minha transferência”. Ele pegou falou: “Quanto tempo que você está, está aqui?” Eu falei: “vinte sete anos e meio”. “Então vai, tem mais do que direito de escolher onde é que você quer”. Aí eu vim para o PAM da Sagrada Família, fiquei um ano e pouco, e aí eu aposentei. E então, aqui na Sagrada Família, eu, eu realizei um, um grande sonho meu que foi trabalhar na sala de

curativo de gente pobre, de curativão, que eles chamavam. E lá, aqui, eles me ofereceram chefia do posto; eu não quis, mas a minha amiga, que era chefe do posto pediu que eu coordenasse o ...

[FINAL FITA 1 - LADO B]

FITA 2, LADO A

E.: ... e, ficar aí sentadona aí nessa sala de enfermagem eu não, eu não quero trabalhar.”.Aí fiquei uns tempos lá ajudando ela na sala de enfermagem, depois eu, eu fui espontaneamente para o curativão. Lá no, no curativão, o curativo dessas úlceras, é, crônicas, que, que têm mií-ase, e as, as coisas [porta abrindo] difíceis né, que o paciente precisa assim de, de muito carinho [porta batendo], né, e, e, eu sou muito espiritualizada, sabe, então eu pedi muito a Deus para eu não sentir mau cheiro, para eu poder ficar lá dentro, porque mau cheiro é um trem difícil da gente agüentar, né, e, por incrível que pareça, eu nunca senti mau cheiro ali, nunca senti. Então eu fiquei, oito meses, até sair a minha aposentadoria, demorou acho que da, do, do pensar em pedir, que ela saiu rápida, mas eu fiquei parece que oito meses nessa sala de curativão e me realizei e entreguei minha palma com louvor, para mim, eu fiquei feliz de trabalhar ali no, na sala de curativos.

V.: Você não sentiu uma grande diferença do tempo do Júlia, que na verdade no Júlia você, você estava na chefia, em cargos mais administrativos e, depois de tanto tempo, voltar para uma prática de enfermagem?

E.: Eu, eu me senti, Valda, tão realizada e tão feliz, que eu percebi que eu jamais deveria ter acei..., aceito cargo de, a, administrativo. Porque eu fiz pós-graduado de administração hospitalar, (...) fiz um curso aplicado de psicologia. Então, no momento que eles me pediram para, para exercer a chefia do Júlia Kubitschek foi um momento de crise muito grande lá, de enfermagem, então eu aceitei, fui muito feliz na administração no Júlia. E eu tentei de uma forma assim, bem tranqüila, administrar o hospital, talvez você se lembre?

V.: Hum-hum.

E.: Lógico que a gente tem lá os defeitos, as fraquezas da gente, mas, eu tentei fazer da melhor maneira possível. No momento que eu saí da chefia, eu voltei novamente à atividade, mas eu não fui para as alas, [gaguejando] para as enfermarias, eu fui para a unidade de pacientes externo para fazer educação sanitária. E lá eu fiquei, depois eu cansei também desse serviço e voltei para dentro do hospital, aí me deram um cargo de supervisora, eu falei: “Eu não quero ser supervisora”, mas, fiquei, pediram para fazer supervisão nas alas, aí fiquei uns meses e pedi minha transferência, porque eu sen..., eu senti que não estava legal aquilo, eu não estava

gostando daquilo mais e estava difícil para mim. Aí eu vim embora pra aqui para a Sagrada Família e fiquei um tempo assim, na pediatria, um tempo na oftá..., um, um, uns tempos em cada clínica, eu passei e trabalhei dentro da, do, do PAM, assim de uma maneira como eu nunca tinha tido chance, de fazer tudo um pouco, de tudo um pouco, sabe? E aí, finalmente, quando eu resolvi ir para a sala de curativos pra ver o doente, cuidar do doente, fazer o curativo dele, para arrancar casca de ferida dele, [riso] desde que se arranque com a pinça, ou seja lá com o que for, você está cuidando dele com as suas mãos e ver a cara dele de satisfação, poxa, eu ficava cansada demais, mas eu voltava outra aqui em casa. E aí eu pedi a aposentadoria, eu já tinha tempo, né, e aí eu não mexi mais com enfermagem.

V.: E aí, o quê que você anda fazendo?

E.: Aí o quê que eu fiz, enfermeira tem uma vida muito ativa, né? Os meus meninos cresceram né, pequei e entrei na Conferência de São Vicente de Paulo e lá eu atuo, até como enfermeira, às vezes.

V.: Até hoje você continua...

E.: Eu vou, eu sou coordenadora de uma creche, Creche Santa Luzia, é uma creche pequenininha, mas é da Conferência de São Vicente. Eu faço trabalhos de divulgação da Cidade da Criança, eu, eu, eu faço esse tipo de trabalho, eu vou na, no, nas casas fazer visita, eu olho o que que é que eles estão dando para as crianças, eu olho a parte de higiene dos meninos, eu, eu, eu mando a me levar o menino no posto para tomar vacina, então eu faço esse tipo de trabalho que é de enfermagem, mas, mas, mas não é inteiramente de enfermagem. É isso que eu estou fazendo assim nesse aspecto, né?

V.: Você falou, você falou que tinha, que fez curso de pós, pós-graduação, foi logo depois de formada? Quando foi?

E.: Foi depois, bem depois de formada.

V.: Onde você fez?

E.: Eu fiz aqui na Escola de Saúde, de Administração Hospitalar, tinha um curso aqui, funcionava lá na Escola de Saúde Pública, na Avenida Augusto de Lima, foi o, o segundo ano ou o primeiro ano que funcionou aqui em Belo Horizonte, porque ele funcionava só em São Paulo, Hospital das Clínicas de lá. Então quando abriu aqui, eu fui direto fazer, parece que foi o, eu fui da primeira turma que fez, curso de Administração Hospitalar.

V.: Que outro curso de, de, você fez depois de formada?

E.: Ah eu fiz um curso pequeno de Psicologia Aplicada, mas, coisa pequena, não, não um curso de, que, que confere outro título não.

V.: Hum-hum. É, Efigênia, como é que você vê a enfermagem hoje?

E.: Ah, hoje o negócio está meio difícil, né. Eu acho, não é a enfermagem, é o sistema de saúde que está ruim, né? Agora, enfermagem, eu acho [gaguejando], aquilo que eu falei ali na sala eu não gostaria de gravar...

V.: Hum-hum.

E.: Porque é meio chato, né?

V.: Está bom [riso] É então como é que você vê o sistema de saúde em relação ao que já foi?

E.: Ah, o sistema de saúde eu, eu acho assim que em alguns pontos ele decresceu em alguns pontos ele cresceu.

V.: No ponto, por exemplo, de saúde pública, como você fez, como é que é hoje?

E.: [gaguejando] É, hoje eu não sei como funciona a saúde pública, sei que há muita badalação aí pela, pela televisão, pelo rádio, mas não, e a atuação eu não sei. Agora, na época que eu fiz, havia muito interesse em que os, os pacientes fossem realmente olhados, pelo Estado. Eu vivi numa época em que a saúde pública e o sistema de saúde era bom, era bom. Então o paciente dos hospitais é, é, convencidos, né, dos INAMPS da vida aí, eles eram bem tratados, eles tinham, tinham tratamento digno, não tinham? Então eles eram gente, o que agora não está acontecendo. Na época que eu, que eu trabalhava em enfermagem eu não via paciente morrer na fila [tosse], eu via enfermeiro, enfermeiras, enfermagem lutando para botar o paciente para dentro do hospital, na cama, não era? E isso me choca e muito, ver que tem paciente lutando às vezes para conseguir uma vaga e não consegue, lutam..., e o, o, o atendimento médico também era mais humano, agora talvez por causa das máquinas, dos exames, sei lá de que mais, o paciente deixou de ser um todo para ser um, um, uma partezinha. Ele é um olho, ele é um pulmão, ele é uma pele, ele é um coração, ele é uma válvula, ele é não sei o quê, ele não é uma, uma pessoa, vocês notam isso?

V.: G.: Hum-hum.

E.: Ele, ele não é um todo, e ele é um todo! Então eu acho que, sob o ponto de vista e da minha experiência assim às vezes de, acompanhante, de parente, de coisa assim, o paciente, quando o médico é [raspando a garganta], os médicos são muito competentes, têm muitos recursos técnicos, tudo bem, a medicina evoluiu incrivelmente, está certo, e a enfermagem também acompanhou muito, mas eu acho uma maneira muito impessoal agora, muito impessoal. E, eu acredito que agora haja inclusive, assim, vocação também, essas coisas igual que havia, há também, mas não há com tanta intensidade igual ao que era, o que era, a, a, a, época que a gente vive é outra, né?

V.: É verdade.

E.: Nós vivemos, em outra época, né? Então aquele, sentimentalismo fica até piegas agora.

V.: Falar em sentimentalismo, como é que você se sentiu ao voltar à “Casa Amarela da Serra”?¹

E.: Ah! Foi a glória!. Nossa Senhora, quando eu, o,o, o, quando eu parei ali na porta que eu olhei, eu falei: “Meus Deus, eu aqui de volta!”, depois de tantos anos, né. Então eu achei a faixada da casa maravilhosa, a carinha das meninas que nos recebeu, lindas. A, achei encantadora a festa, belíssima! Uma idéia magnífica que, o pessoal teve, teve uma idéia assim encantadora; te garanto que muitas não foram para não se emocionar, e eu fui para me emocionar, porque eu gosto de emoção.

V.: Hum-hum. [risos]

E.: Adoro emoção.

V.: Mas a casa está muito mudada, né?

E.: A casa mudou muito...

V.: Por dentro.

E.: Mesmo aquele salão onde é que foi a, colocada a Mostra, a recepção é, mudou, mas lembra, gente, lembra. O, o, o, o jardim, a faixada da casa, a primeira impressão que a gente teve quando chegou ali, que casa linda e que, que lugar bonito, quer dizer, mesmo o movimento da rua agora é outro; na época parecia um, uma cidade do interior ali, mas, é, é, foi linda, foi muito bonito, muito gostoso de estar ali outra vez, e de ver aquelas fotografias, aqueles instrumentos antigos que a gente usava, é, é, a gente usava muito material de ágata, né? Então usava muito, depois foi que veio o inoxidável, depois a descartável, né? Então, a, a, a, eu lembrei muito assim com um, uma recordação assim muito doce, muito doce do meu tempo de estudante e mesmo de, de enfermeira, né? Porque depois que nós mudamos dali, eu nunca mais voltei ali, né. Desde quando, foi quando, foi 55, 57, acho que nós mudamos em 57, por aí, que eu acho que eu fiquei um ano ali naquela casa.

V.: Você chegou a ficar um ano lá?

E.: Eu acho que eu fiquei um ano ali, naquela casa. Então 57, é muito tempo, né, para poder voltar ainda e ainda encontrar um, uma faixada da casa exatamente igual ao que, ao que eu vivi ali. Foi um, um, um, uma idéia assim magnífica, muito linda.

V.: Bem, mais alguma coisa que você queria deixar...

E.: Não, tudo bem. Espero que, que tenha valido a pena alguma coisa que eu tenha falado né?

V.: Com certeza valeu Efigênia.

E.: Tem muita coisa assim de recla..., de recordação assim emocional dentro disso, mas, se vai valer para alguém, valerá para mim também.

V.: É isso que é importante para nós, obrigada.

[FITA 2, LADO A, não gravada totalmente]

[FITA 2 - LADO B – NÃO FOI GRAVADO]

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹ Em 13 de julho de 1998, houve uma Mostra Comemorativa dos 65 anos da EEUFMG, onde foi a primeira sede do internato da EECC. Várias ex-alunas compareceram, ente elas a entrevistada.

FICHA TÉCNICA

Data: 17 de agosto de 1998

Local: Residência da entrevistada

Nº de Fitas: 02

Duração: em torno de 70 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Virgínia Mascarenhas Nascimento Teixeira

Traços Biográficos: Valda da Penha Caldeira

Sumário: Andréia Oscar

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira